

Oi gente,

Numa conversa com um colega, por e-mail, sobre "educação expressiva" organizei uma idéia no texto que disponibilizo abaixo, para a troca de idéias. Vai estar no Blog

(<http://blogdoafonseca.blogspot.com>), e no CD da formação.

Abraços,

Afonso.

A aprendizagem, a educação expressiva... É uma questão, né? Tenho me preocupado com isso. Acho que uma educação expressiva é uma educação para a "grande saúde", de que Nietzsche falava, para uma disposição existencial de experimentação atualizativa. Ou seja, uma educação para uma atitude de abertura e interesse para com o vivido fenomenológico existencial, para a experimentação, para, habitual e naturalmente, tentar e arriscar a vivência e o desdobramento da possibilidade que impregna sempre a vivência fenomenológica existencial.

Temos, como você sabe, o modo de sermos da vivência fenomenal. Impregnado sempre de possibilidade. De potência atualizativa; e de sua inerente, incerteza, risco, inconveniência. A disposição de abertura e afirmação do vivido fenomenológico existencial, o que implica a disposição para uma vivência da potência do possível, e de seu desdobramento, assim como uma disposição para a afirmação do movimento impregnado de incerteza, risco e inconveniência, configura o que entendemos como 'ação', acontecer, acontecimento, 'contato', 'ato-ação', 'atualização'... Potência, 'Criação'. Ex-pressão da potência ex-pressiva da possibilidade fenomenológica existencialmente vivida e desdobrada.

Por outro lado, temos o modo de sermos não ativo, não atualizativo, acontecido, modo coisificado e efetivamente "impotente" de sermos. O modo de sermos que se constitui como terminação da força da possibilidade atualizada. O modo de sermos da 'coisidade', à qual pertencem o 'comportamento', e a re-flexão, teórica...

O privilegiamento e a excludência deste modo de sermos constitui um 'modo virtual' de sermos. Ou seja, um modo de sermos no qual vivenciamos pré-compreensivamente o possível, a possibilidade -- já que, ontológicos, ele e esta sua vivência pré-compreensiva não podem ser extintos --, mas os desqualificamos, e habitualmente não desdobramos a potência das possibilidades vividas pré-compreensivamente. Lambuzando-nos e espojando-nos na impotência, frequentemente de formas refinadas e apresentáveis, impotentes, previsíveis.

Predominantemente, a educação moderna se centra cada vez mais na produção deste segundo modo de sermos. Ou seja: uma educação para as capacidades que o mercado demanda; uma educação moralista, que se centra não no desenvolvimento ético de uma disposição para o privilegiamento do vivido, e para a ex-pressividade da potência do possível que o impregna -- na ação, atualização, contato. Mas que se centra na produção privilegiada deste 'modo coisa' de sermos, que é o modo moralista, reflexivo, comportamental... (Importante e fundamental, desde que não seja excludente...)

Além de todas as consequências existenciais, e de redução da criatividade, do privilegiamento pela educação deste modo impotente, virtual, de sermos (o modo coisificado de sermos, modo de sermos dos meros comportamento e re-flexão), uma questão fundamental é a da própria produção e do próprio condicionamento massivos da condição da impotência. E temos a impotência, pessoas impotentes, no sentido existencial, sendo massivamente produzidas por uma educação não ex-pressiva (não expressiva da vivência e do desdobramento fenomenológico existencial do possível vivido).

Esta impotência existencial gera sofrimento, agudo, crônico, mais ou menos intenso. Frequente e tendencialmente constituinte da condição existencial das pessoas "educadas".

As perversões oriundas da impotência, e da vivência predominante e excludente da condição humana de coisa (frequentemente refinada e apresentável), se multiplicam. Ficando só em algumas das mais evidentes e graves:

Tomar um fuzil, com roupa militar, e trucidar colegas desarmados e indefesos, incômodos e ameaçadores, na escola, é uma tremenda vivência de "potência", é ser "potente". Na verdade, é a impotência paroxística e dramática do impotente crônico, que des-encontra na potência da arma a potência, natural, saudável, que ele não tem, porque foi educado para a impotência, para comportar-se, refletir, mas não agir, não atualizar possibilidades... Em particular a potência de

atualizar o outro como diferente, como diferença que se multiplica e se reproduz, na peleja microscópica e cotidiana com a alteridade dele...

Quando uma criança cresce e se educa jogando futebol na rua, por exemplo (e daí o caráter muito preocupante do fato de que as crianças "jogam" cada vez mais, inclusive futebol, no computador, ou na televisão...), na relação natural com outras crianças, pelejando com a alteridade do diferente, aprendendo 'expressivamente'... Ela aprende sobre o outro. Aprende a lidar e a pelejar criativamente, expressivamente, com a alteridade do outro, do diferente. E entende que esta peleja, que envolve, permita-me, a consideração positiva incondicional pela outridade do outro, pressupõe e envolve o respeito pelo outro, porque com ele constituímos uma articulação, um agenciamento, expressivo e potente, criativo, poético, no qual, em particular, a potência dele é imprescindível. Nem de longe, interessa, nesse caso, aniquilar (com o ambiente é a mesma coisa...) o outro. O filme "Fury" é fantástico neste sentido.

A característica vivência do abuso de "Crack Cocaína" é a vivência de uma "potência". De uma "onipotência". A permanência de resíduos da droga no organismo permite o prolongamento minorada da duração desta sensação de "potência" de "onipotência". Um feeling espiritual, de ser poderoso, capaz, dominante, produzido pelo efeito da droga. Na verdade, a simulação da potência pelo impotente. Rapidamente dependente dos mecanismos bioquímicos e residuais da droga, que leva-o a um depauperamento progressivo. Quanto mais depauperado, mais "Onipotente"...

E o Crack Cocaína era típico de crianças abandonadas em situação de rua, que entravam, e entram, no abuso da substância a partir do consumo de substâncias anorexígenas, para controlar e dissimular a fome crônica, como a cola de sapateiro. É, na verdade, um mergulho frequentemente sem volta na dependência mais atroz.

O curioso, é que o consumo cada vez menos se limita a este tipo de "clientela". Atinge todos os tipos de pessoas. E começa a envolver, de modo particularmente intenso, o segmento de jovens de classe média, bem educados, e impotentes. Bem comportados e re-flexivos, mas incapazes de ação original, potente e criativa...

E, um terceiro exemplo das compensações perversas, sob uma suposta potência, das compensações da impotência produzida pela educação não expressiva para a não expressividade, para a não ação e não criação: a violência endêmica das torcidas dos jogos de futebol.

Tudo que a educação predominante, em seu treino para a impotência, pede aos educandos é que eles sejam espectadores (espectadores sem espetáculo, e sem expectativa, disse Nietzsche...), já que o espetáculo é vivido na impotência, e sem ação (compare assistir, e jogar, futebol...). A violência das torcidas é a busca do protagonismo de espectadores impotentes, a busca da "potência" por espectadores educados (e aí não interessa o nível da educação) para a impotência, para a não ação, para a não atualização fenomenológico existencial de possibilidades pontualmente vividas fenomenológico existencial, e experimentalmente.

Afonso H Lisboa da Fonseca (affons@uol.com.br)
Laboratório Experimental de Psicologia e Psicoterapia
Fenomenológico Existencial
<http://www.geocities.com/eksistencia/>
Blog: <http://blogdoafonseca.blogspot.com/>
82 30320712/82 93061050